

A LIÇÃO DE HOPPER

Rubem Braga

UM senhor bem vestido, de colête, com um capote no braço direito e a mão esquerda no bolso, está de pé junto à poltrona em que se senta uma senhora de certa idade, de chapéu preto. Estamos no saguão de um hotel. A direita, no primeiro plano, sentada em outra poltrona, uma senhora mais jovem, talvez trintona, lê um livro ou uma revista. Há duas poltronas vazias, uma passadeira que faz um ângulo reto, o balcão da portaria escuro, em estilo convencional; no fundo, os escaninhos para as chaves. Uma luz que vem do alto e da esquerda ilumina essas figuras e coisas imóveis. O título do quadro é «Hotel Lobby», saguão de hotel.

A impressão que se tem é de que as pessoas estão fazendo tempo, esperando alguma outra pessoa ou um chamado telefônico. Há um realismo perfeito no desenho e na cor; mas a luz, essa luz artificial que bate na mão do cavalheiro, nos braços da leitora, nos cabelos da velha senhora, dá a essa cena banal, tediosa, um certo mistério sutil, uma certa melancolia — e isso é típico da arte de Edward Hopper.

Estou olhando a reprodução de um dos quadros de Hopper que esteve na última Bienal de São Paulo. Quando fui visitá-la, não havia catálogo na representação americana, mas uma jovem anotou meu nome e agora a USIS me envia esse catálogo sóbrio de paginação, excelente de ilustrações e texto. Hopper morreu no ano passado, com mais de 80 anos. Além dele, os americanos mandaram muitos jovens pintores, como Jasper Johns, Rauschenberg, Nesbitt, Indiana e outros artistas que influenciam os rapazes de «vanguarda» na arte brasileira.

A esses rapazes eu daria, como tema de meditação, a obra de Hopper. Não para imitá-la, como estão imitando os mais novos, mas para aprender sua lição de honestidade e de dignidade artística. Hopper viajou pela Europa, mas ficou sendo um pintor 100% americano; e isso lhe aconteceu naturalmente, pois ele se dedicou a pintar o mundo que era o seu mundo. Ele não copiava a realidade; ele a refazia, banhando-a com esse sentimento de solidão, de prisão, de tédio em que apenas cabe um toque mínimo de romantismo ou de sensualidade, quando cabe. De qualquer modo, sua base é a vida americana. Lembro aos moços brasileiros que o Brasil ainda é um país a ser pintado. Nossa gente, nossa paisagem urbana e rural, nossas árvores, nossos bichos, tudo isso nossa pintura ainda nem sequer recenseou, que dirá interpretou. Não quero o convencionalismo do flamboyant e do negro velho, mas a honesta cara do Brasil, uma cara singular porque se exprime em expressões de vários séculos a coabitarem.

Portinari, Guignard, Pancetti, Tarsila, Di, cada um desses mestres trabalhou os trabalhos um pouco sobre aspectos da realidade brasileira, embora todos sofressem influência européia. Mas temos ainda um mundo fabuloso a trazer para a arte, como Hopper soube trazer, de maneira, ao mesmo tempo tão sóbria e tão pungente, uma parte da vida americana. Isso é um trabalho sério, em que cada um lidará com seu próprio sentimento, sua própria vida, seu próprio talento; mas vale muito mais a pena que imitar ou «bolar» uma transposição apressada para o Brasil de alguma que está na moda em Nova York ou em Paris...

Albino Hara,
30 julho, 1974

FLU, fev. 79

RN 492

por sinal

... muitos jovens artistas novos

~~coisa~~

coisa

DN 22.1.68

12